

Nair, minha mãezinha¹

Deusedith Brasil(*)

Estou vivendo os dias mais tristes da minha vida. Como disse Fernando Pessoa “estou só, só como ninguém ainda esteve, oco dentro de mim, sem depois nem antes”. Não sei. Falta-me um sentido para a vida. A obra de minha vida da qual foi arquiteta e construtora ainda não estava acabada. A sua presença indicava passos a serem dados e força para continuar. Não sei. Há algo muito diferente que não consigo compreender nem explicar. Todos dizem que foi completada a sua obra. Não sei. Não compreendem que a obra de mãe nunca termina? Não sei. Estou sentindo, mas sem sentido, em face a sua ausência. Em você, Mãezinha, existia tudo. A vida, você me deu. Apreendi a amar. Encontrei força para compreender que devemos fazer aos outros aquilo que queremos que nos façam. Encontrei a grandeza do perdão. Encontrei a importância da solidariedade humana, eu encontrei direção, o rumo. E agora? Quem vai me aconselhar, quem vai me guiar? Onde vou procurar o equilíbrio que você sempre me deu e a meus irmãos? A quem vou recorrer? “Estou só, só como ninguém ainda esteve, oco dentro de mim, sem depois nem antes”. Com quem eu vou almoçar às quartas-feiras? Quem vai me dizer: “Deus te faça feliz, meu filho”. Tenho saudade das suas respostas sempre inteligentes e irônicas e das lembranças do tempo do seringal que sempre vivenciavas em minha memória. Da minha época de salesiano quando viveu todos os sacrifícios para eu não deixar nunca de estudar. Sacrifício criticado pelos que queriam que fôssemos – eu e o Acreano – dirigidos ao

¹ Sobre o artigo:

Feito em 03.01.2008, em homenagem a sua genitora.

O seu conteúdo é protegido pelas leis de direitos autorais

Publicado no site www.deusedithbrasil.adv.br

trabalho e não somente ao estudo. Sem recursos sem qualquer renda. Somente a tua coragem nos levou a ser o que somos. A sua alegria incomparável quando de minha aprovação para curso jurídico é inesquecível essa doce lembrança. Eras a convergência da nossa família. Quero da saudade da convergência criar o símbolo da união porque eu assim pensei antes do nosso último Natal. Quero transformar a força centrípeta de levar todos a sua presença no símbolo de minha vida. Se eu pensasse como Norberto Bobbio – “depois da morte só a escuridão” – a minha tristeza seria infinda. A sua bondade, porém, deixou comigo a fé. A certeza do nosso reencontro incorporou na minha vida. A segurança de que você não me abandonou é um conforto para continuar sem sair da linha que traçou. Sei que continua guiando os meus passos. Sei que quem sacrificou toda a vida para criar e educar sete filhos é uma santa. Todas as mães são santas. Nessa crença, a saudade que sinto é atenuada pela lembrança sempre presente do seu olhar de luz confortador, indulgente e santo. Perdi a tua presença. Ganhei uma Santa. Santa reconhecida aos olhos de Deus. Na fé que tenho e na certeza de que mãe não morre, vira Santa, vou caminhar na vida seguindo os seus ensinamentos – procurando melhorar a sorte do povo, cuja preocupação sempre foi sua referência. Respeitar os padrões de vida que você me legou e aos meus irmãos. Não sou eu que descrevo, mas navegando em Fernando Pessoa tenho esperança que o meu ouvir o seu silêncio não seja nuvens que atristem o seu sorriso. Assim porque no seu sorriso e no seu jeito doce está a mensagem de amor de que tanto necessito e que há de me guiar para sempre. Disse o poeta que quem tem flores não precisa de Deus. Eu tenho flores, mas preciso de Deus e de você Nair, minha mãezinha.